

ARTES PLÁSTICAS

Ela pinta, a natureza faz o resto

Fotos de divulgação



Christina Otílica percorre o mundo enterrando suas pinturas e deixando que o meio ambiente interfira em seu processo criativo

Rodrigo Azeley
ESPECIAL PARA O JORNAL DO BRASIL

Em 1986, o escritor Paulo Coelho percorreu a pé os quase 800 quilômetros que separam a cidade francesa de Saint Jean Pied d'Port da galega Santiago de Compostela, na Espanha. Tamanha foi a importância da viagem que o Caminho de Santiago foi tema de seu primeiro livro, *Diário de um mago*. Algo semelhante aconteceu com sua esposa, a arquiteta e artista plástica Christina Otílica que, em 1990, caminhou pela consagrada trilha e, após completar a peregrinação, decidiu dedicar-se exclusivamente à arte.

A mudança do casal para a França, mais especificamente para um hotel nos Montes Pirineus, no início da década atual, foi um marco

importante. A artista foi pintar do lado de fora. Como as telas eram grandes e a tinta úmida impedia que fossem enroladas, deixou-as pernoitar ao relento. Quando foi buscá-las observou que folhas, sementes e insetos caíram sobre as pinturas, aderindo à tinta. Christina percebeu que a natureza interferia em sua obra. Foi um *insight* que mudou os rumos de sua carreira.

Foi então que a artista desenvolveu sua técnica única, com a qual vem trabalhando desde então, de enterrar suas pinturas na terra e fazer da natureza sua parceira. "Planta seus quadros" para acompanhar a "germinação" de obras alteradas pela ação direta do ambiente. Através de coordenadas geográficas, após alguns meses, as obras são retiradas e com cuidado, emolduradas.

Durante o período de um ano, entre 2002 e 2003, Christina Otí-

tica deixou 57 trabalhos em diferentes tipos de solo — leitos de rios, pedras, terra, florestas. Desta maneira, permitiu que a natureza, ao longo das quatro estações, pudesse interferir diretamente em suas pinturas. Todas as telas — com exceção de uma — foram recuperadas, tratadas com um processo especial para evitar que se deteriorassem, e o projeto foi mostrado pela primeira vez em Lubljana (Eslovênia) em 2003. A série *Quatro estações*, foi posteriormente exibida no Brasil em 2004, na Casa França-Brasil.

A pesquisa se radicalizou. Desde então, tem enterrado obras pelo mundo. Já esteve na Apuráçnia, no Chile, no Japão, na Índia e nos Alpes Suíços, além de ter percorrido o Caminho de Santiago.

De volta aos Pirineus, em 2006, Christina Otílica iniciou um projeto ambicioso, o de percorrer o

Caminho Peregrino de Santiago de Compostela, enterrando 100 obras ao longo das principais paradas. Foi uma volta ao caminho que percorrerá 16 anos antes, uma ambição artística que levou dois anos para estar concluída. O resultado deste trabalho foi uma grande exposição de 59 telas, em maio de 2009, na Igreja da Universidade de Santiago de Compostela, que depois também esteve em Madri.

Christina desenvolveu um trabalho no Japão, ao longo do Caminho de Kumano, sagrado para os taoístas e budistas (como o Caminho de Santiago é para os cristãos). Como é costume entre os monges das montanhas enterrar objetos sagrados, o trabalho foi recebido com naturalidade e respeito. O Caminho de Kumano e o de Santiago são considerados "irmãos", semelhantes entre si.



ENTREQUE AOS ELEMENTOS — No alto, Christina e o icônico Caminho de Santiago. Acima, fragmentos do método de trabalho da pintora: telas ficam até um ano sob a ação da terra

Casa Brasil realiza exposição de telas da artista em Estocolmo, Suécia

A partir do dia 1º de outubro, num projeto de iniciativa da Casa Brasil, braço cultural do Jornal do Brasil, uma mostra dos trabalhos de Christina Otílica será exibida no hotel Diplomat, em Estocolmo, Suécia. A expressão do feminino foi a característica inicial de seu trabalho, algo que permanece presente até hoje em suas criações. Na exposição *Jornal D'Arte*, por exem-

plu, realizada em 1996, na Casa França-Brasil, Christina mostrou o retrato da mulher guerreira, através da ternura e da tenacidade feminina. Mesmo explorando a figura mítica da heroína francesa, recorreu às grandes mulheres dos dias atuais (como Madri Tereza de Calcutá) ou as anônimas e valentes guerreiras do cotidiano (a negra da favela, a islâmica, a índia, a gueixa, etc.) Em

cada uma colocou um detalhe representativo do modelo original, como parte de uma armadura, uma lança, uma espada, mas enfatizando o que realmente existe atrás do aço e da couraça — a essência feminina. A iconografia era a tradicional e Christina aplicava interferências da fotografia e da arte digital.

Hoje, continua a fazer experiências no campo da interação

com a natureza. Convidada para o Festival de Performance Int'Action em Sete, a artista realizou seu trabalho que melhor representa a integração entre os quatro elementos da natureza. Realizou uma pintura em quatro etapas, primeiro submetendo ao tela ao poder do mar, para o elemento água. No dia seguinte, sobre o Monte St. Clair, marcou a tela

com vela incandescente: o fogo. O trabalho do ar foi tirar o excesso. A Terra se fez representar no enterro da obra por um ano.

Hoje em dia, o ritual do enterro de suas pinturas é, por onde Christina passa, um evento acompanhado atentamente pela população das localidades, merecendo por vezes cobertura da imprensa.